



A artista Sonia Gomes em seu ateliê em São Paulo, 2017.
Registro fotográfico: Wagner Leite Viana

SOBRE ESCRITOS DE ARTE POR ARTISTAS: O TATO COMO PRÁTICA CURATIVA NA DIMENSÃO DO AFETO E DA POLÍTICA NA OBRA DE SONIA GOMES¹

JANAÍNA BARROS - ABCA/MG

WAGNER LEITE VIANA - ABCA/MG

RESUMO: Este artigo, escrito inicialmente para o contexto da mostra “*I Rise - I’m a Black Ocean, Leaping and Wide*” da artista visual Sonia Gomes, no Museum Frieder Burda, em 2019, tem o interesse de discutir os entrelaçamentos das referências de criação constituídas em diferentes camadas de narrativas. Neste sentido, na escrita sobre a artista, inter-relacionam-se um olhar realizado por artistas relativo a uma produção. A leitura sobre a obra da artista que esteve na mostra parte dos indícios do ato criador na urdidura de materiais têxteis na composição de objetos tridimensionais, numa possível trama de relações macroestruturais como organismos sociais e formas comunitárias que são ativadas por diferentes camadas de memórias individuais e coletivas entrelaçadas à experiência social.

PALAVRAS-CHAVE: arte contemporânea de autoria negra, Sonia Gomes, arte têxtil, performatividades, epistemologias de criação.

ABSTRACT: This article, initially written for the context of the exhibition “*I Rise - I’m a Black Ocean, Leaping and Wide*” by visual artist Sonia Gomes, at the Frieder Burda Museum in 2019, aims to discuss the intertwining of creative references constituted in different layers of narratives. In this sense, in writing about the artist, a perspective assumed by the artists regarding a production is interrelated. The reading of the artist’s work that was presented in the exhibition starts from the evidence of the creative act in the warp of textile materials in the composition of three-dimensional objects in a possible web of macrostructural relations as social organisms and community forms that are activated by different layers of individual and collective memories intertwined with social experience.

KEYWORDS: contemporary art by black authors, Sonia Gomes, textile art, performativities, epistemologies of creation.

VOCÊ FAZ UMA BOLA E COM UMA AGULHA E COM LINHA VOCÊ VAI COSENDO E PERGUNTA À PESSOA: “QUE QUE VOCÊ QUÊ QUE COSE?”. AÍ RESPONDE: “CARNE QUEBRADA”. AÍ VOCÊ VAI COSENDO, NÃO NA PERNA DA PESSOA, MAS NO NOVELO. VOCÊ VAI COSENDO E FALANDO: “EU COSO CARNE QUEBRADA, OSSO RENDIDO, NERVO TORTO, VEIA DESLINHADA... [BENZEDEIRA HILDA ISABEL CHAGAS]²

A mostra *I Rise - I'm a Black Ocean, Leaping and Wide* da artista visual Sonia Gomes, no Museum Frieder Burda em Baden-Baden e Berlim, apresenta 18 obras realizadas durante o período de 2006 a 2019. Numa breve digressão, Sonia, em seu primeiro ato de insurgência durante o período de sua infância, após ficar de castigo na biblioteca da casa de seu pai, rasga vários livros. *A minha história de vida é o meu trabalho. Porque eu trabalho com questões populares e tem coisas mais eruditas no trabalho. Então, a minha vida também foi assim, sair de*



A artista Sonia Gomes em seu ateliê em São Paulo, 2017. Registro fotográfico: Wagner Leite Viana

um meio extremamente pobre, minha avó era negra, minha mãe era muito pobre. A minha mãe morreu. A minha avó não tinha condições de me criar e me levou para a família do meu pai, que na época tinha condições. Mas, nesse lugar, eu não recebi afeto. Eu

não vou tirar o mérito também, não! Acho que eu fui bem educada. Fui educada para a vida.

Certo tempo depois, na biblioteca da família do pai, Sônia leu o romance *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski, e somando outras

referências foi construindo a sua formação de artista. Numa certa convergência espacial, Dostoiévski escreveu este texto durante a sua estada na Alemanha, Wiesbaden, e, em seguida, Baden-Baden. Esta última cidade abriga parte da pesquisa visual da artista no Museum Frieder Burda. Num entrecruzamento de referências, entre tantas outras, o livro *Crime e Castigo* também fez parte das leituras feitas pela poeta, atriz, escritora e ativista estado-unidense Maya Angelou, cujo título do poema *And Still I Rise* (1978) também nomeia esta mostra.

Na obra *Hiato* (2019), de Sonia Gomes, esta relação dos caminhos que formam uma artista e os modos que performatizam o saber e suas epistemologias são atravessados pelos tecidos de renda, as tramas de crochê, as costuras aparentes que interligam essas tessituras. Daquilo que pela sua transparência cria veladuras e leituras de mundo. Formas que pendem em diálogo com o espaço circundante. São frestas que acionam um complexo de interações³.

Essas relações dentro de um contexto de redes de performatividades caracterizadas pelos saberes associados a manualidades também se estendem entre Sonia Gomes e outras autorias na arte brasileira: Bispo do Rosário (SE /RJ, 1909/1911 - RJ, 1989), Madalena Santos Reinbolt (BA, 1919 - RJ, 1977), Letícia Parente (BA, 1930 - RJ, 1991), Regina Vater (RJ, 1943), Tunga (PE, 1952 - RJ, 2016), f.marquespenteado (SP, 1955), José Leonilson (CE, 1957 - SP, 1993), Ana Linnemann (RJ, 1958), Beth Moisés (SP, 1960), Leda Catunda (SP, 1961), Nazareth Pacheco (SP, 1961), Ana Miguel (RJ, 1962), Rosana Palazyan (RJ, 1963), Martinho Patrício (PB, 1964), Nazareno (SP, 1967), Rosana Paulino (SP, 1967), Clarisse Tarran (DF, 1968), Rodrigo Mogiz (MG, 1978), Lídia Lisboa (PR, 1970), Laura Lima (MG, 1971), Carolina Ponte (BA, 1981).

O poema *And Still I Rise*, escrito em 1978, de Maya Angelou, como partindo de uma autoetnografia ativa a proposição de uma epistemologia de insurgência: *Eu me levanto/ De um passado que se ancora doloroso/ Eu me levanto/ Sou um oceano*

negro, vasto e irrequieto/ Indo e vindo contra as marés eu me elevo/ Esquecendo noites de terror e medo/ Eu me levanto. Em certo sentido, referenciar uma obra de Dostoiévski, considerada cânone da literatura “universal”, faz atravessar o que para estas duas mulheres é universal na compreensão da subjetividade de diferentes corpos em suas experiências intersubjetivas. Para o filósofo camaronês Jean-Godefroy Bidima, em seu texto *Da travessia: contar experiências, partilhar o sentido* (2002), pensar em travessia é conjugar as possibilidades históricas existentes no tecido social e as tendências e motivações subjetivas de trânsitos. Dessa maneira, os lugares de memória são indicadores de um jogo tenso entre os não-lugares de memória. Pois, *todo o conteúdo da memória está exposto à corrosão do devir.* E, conseqüentemente, implica nesta narrativa a experiência colonial e suas contranarrativas.

O percurso formal-conceitual de Sonia Gomes partilha do seguinte caminho epistemológico, por suas

Ateliê da artista
em São Paulo.
Trabalho em processo.
Registro fotográfico:
Wagner Leite Viana



palavras: *Eu pesquiso muito. Eu vou a brechó. Muita gente confunde, acha que eu bordo. Eu não bordo. Eu aproprio-me dos bordados. Eu aproprio-me das histórias das pessoas, dos crochês. Eu sou mineira. Eu fui criada no meio*

desses crochezinhos, das bandejas [...] A costura que eu faço é uma característica. Eu faço questão de deixar essa costura bem aparente. É uma marca do trabalho também, essas costuras. Todos têm costura assumida. Não aquela costura que ninguém vai

ver. A costura é assumida. Porque eu acho esteticamente linda essa costura. Essa costura que não é bordado, é simplesmente costura. Eu acho bonito isso.

Tanto nas obras *Moulage II* (2019) e *Sem título* (2005) há a sobreposição de tecidos que se moldam em formas circulares. O vazio torna-se informação. O cheio em sua voluptuosidade de movimento. Ora suave. Ora enérgico. São corpos num movimento infinito que sugerem acontecimentos. Aqui a metáfora da memória encontra-se como uma série de lacunas provocada pelo risco do esquecimento. Pois refere-se a tudo aquilo que precisa ser cuidadosamente manuseado e guardado. Seja em nossos afetos ou desafetos.

Logo, a obra *Eu Me Levanto*, série *Raiz* (2018), reafirma a noção de solidez a partir da materialidade da madeira amalgamada por diferentes tecidos delicadamente entrelaçados e costurados. O sentido de raiz aqui é o desdobramento em rede de toda forma de relação. Seria aquilo



Registro de obra. Ateliê da artista Sonia Gomes em Belo Horizonte, 2016.
Registro fotográfico: Janaína Barros Silva Viana

que o poeta, escritor e etnógrafo martinicano Édouard Glissant, em seu texto *Poética da Relação* (2011), define o conceito homônimo como o prolongamento da identidade *numa relação com o Outro*. Quem é esse outro senão um transbordamento do mesmo, numa movimentação de apreensão do Eu transmutada no diverso? Esse entrelaçamento de captura das relações aparece na obra *Picaré*, série *Raiz* (2018). Picaré é a rede de arrasto de pesca. São tramas sobrepostas. Linhas retas. Movimento de expansão. Aconchego de formas arredondadas que paradoxalmente se encontram em suspensão. A solidez da matéria é um corpo distendido de modo tênue no emaranhado de fios. O vestígio de um movimento que se lançou no passado para alcançar o futuro. A respeito, uma sentença proverbial iorubá diz que “Exu acertou um pássaro ontem, com uma pedra que jogou hoje”. Pois, numa leitura cosmológica, o orixá Exu estabelece intermediação entre os mundos. Instaura o tempo, por isso o atravessa. É o mensageiro. É o Senhor dos caminhos.

Ateliê da artista Sonia Gomes em Belo Horizonte, 2016. Registro fotográfico: Janaína Barros Silva Viana



Em *Aninhado* (2019), a imagem de uma gaiola já não aprisiona, mas acolhe quando a sua posição é invertida. O fio tênue do arame da gaiola em contraposição à materialidade do tronco de uma árvore diz muito sobre o vestígio de uma temporalidade. Matérias que guardam vestígios de uma existência de outrora e subvertidas no agora, no acalanto das formas em tecidos, arredondadas num aparente aconchego. Da mesma maneira que em *Voo* (2014), as estruturas são ramificações que rompem a gaiola. Já não é mais possível romper o movimento de uma existência que compartilha outras experiências sociais. A história torna-se um emaranhado de fios que interligam uma vida às outras vidas, ao passado, presente, futuro.

A dimensão compartilhada do trabalho de Sonia Gomes encontra nas histórias uma potencialidade comunitária: *Eu trabalho com vida, com movimento, com histórias. Eu vejo isso chegar cada vez mais. Porque as pessoas veem o trabalho e começam a mandar as histórias delas para mim, como se eu ficasse com essa*

responsabilidade de guardar aquela história daquela pessoa. Mas, quando ela vem até mim, essa história está ali. Ela vai ver e nunca vai perder a história dela nesse emaranhado de coisas. Mas, a partir do momento que o material chega para mim, dali vai começar outra história! Eu tenho

pensando nisso. Por que aquele material chegou até mim?

A importância de uma trama comunitária é algo que partilha da sua construção poética, onde o tema e o método fundem-se como procedimentos têxteis/plástico técnicos da costura. Como nas obras



Exposição individual “Ainda Assim Me Levanto”. Sonia Gomes. MASP/Museu de Arte de São Paulo, 2018.

Memória (2006) e *Tecidos Leves Atados em Força* (2013), Sonia reúne trechos de tecidos e de histórias, como uma tradução visual da escuta, como uma postura epistêmica na relação eu-outra.

Ela e essas outras pessoas que confiam suas histórias guardadas em pedaços de tecidos. Ela e outras pessoas que lhe falam, como na escuta “vasta e irrequieta” de Maya Angelou, que por sua vez comunica Sonia a outras redes, ao cruzar com a história da poeta que escreveu *And Still I Rise* em resposta à personagem Nanny do romance *Seus olhos viam Deus* (1937), da antropóloga, escritora e cineasta norte-americana Zora Neale Hurston, que diz: “A mulher negra é a mula do mundo”. Em sua pesquisa etnográfica sobre saberes tradicionais afro-americanos e caribenhos, Zora propunha o rompimento dos limites do que seria o Outro cultural, estabelecendo formas de escuta nas quais participava da comunidade. Ou seja, uma por meio de uma experiência de cognição incorporada, performatizava em relação às

diferentes práticas comunitárias de dança, cantos e ritos, propondo não apenas registrar os cantos, mas aprender a cantá-los de modo que a atravessava o enraizamento destas relações.

A pesquisa visual de Sonia Gomes configura-se em formas num campo expandido de desenho e pintura. Sobrepostas. Retorcidas. Sinuosas. São corpos num espaço de tensão e estiramento de afetos. O ato de urdir fios e tecidos na composição de objetos tridimensionais, como formas que se conectam no espaço em camadas de cor, texturas e linhas que estabelecem uma relação entre o dentro e fora. No diálogo estabelecido na obra *Para De Kooning* (2019), remete ao procedimento plástico pictórico. Como na pintura, Sonia parece estar interessada no desdobramento que as formas têm para além do próprio espaço, como se este estivesse disponível ao próprio gesto expressivo tensamente equilibrado à precisão na composição. Essas relações e confrontos entre o gesto e a forma são explorados num aspecto não

concluído de sua forma, no limiar de uma forma expressiva que parece ter por tema tornar visíveis sua própria fatura e continuidade.

Ao mesmo tempo, suas formas sugerem tanto partes internas de um mesmo organismo expostas em relação, como na obra *Trouxa* (2004), como também organismos em relação ocupando um espaço, numa dimensão externa, como a obra *Número 4* da série *Torções circulares* (2016). Formas que sugerem corpos, estabelecendo vínculos a partir do movimento, propondo dinâmicas tais como organismos sociais. Ou ainda, formas comunitárias que são ativadas por memórias e entrelaçadas à experiência social da artista, e entregues à nossa própria experiência.

Algo que a escritora e professora Sobonfu Somé, nascida em Burkina Faso, no livro *O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar* (2007), entende que a comunidade é um espaço de compartilhamento de *seus dons e que recebem as dádivas dos outros*. Não obstante a lembrança de



Sem título. Série *Patuás*, 2006. Sonia Gomes. Costura, amarrações, tecidos e rendas diversos. Ateliê da artista em Belo Horizonte. Registro fotográfico: Janaína Barros Silva Viana

Sonia em relação a sua avó materna benzedeira: *A minha avó lidava com vida... que ela era parteira [...] Ela era benzedeira e parteira... Arruda... No princípio eu colocava arruda em algum trabalho assim, porque até hoje eu amo cheiro de arruda. [...] Eu sinto o cheiro dela benzendo. Ela benzia com essa arruda batendo assim o ramo de arruda. Eu sentia aquele cheiro, como é que fica na memória da gente? E, também, com rolo de linha. Eu queria saber aquelas palavras que ela falava. Era um rolo de linha e ia costurando assim, benzendo as pessoas.*

A mão traduz a fruição tátil do mundo como um lugar de memória e conhecimento. Segundo o historiador e teórico da arte francês Henri Focillon, em seu texto *O Elogio da Mão* (1934), o gesto criador potencializa uma *ação permanente sobre uma vida anterior*. Logo, a mão a partir do tato manifesta-se por meio da experiência e metamorfoseia a matéria que se transmuta em forma. É o que instaura um lugar de autoinscrição. Simetricamente, há a ressonância na reflexão da

escritora brasileira Conceição Evaristo quando, em seu texto *Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita* (2007), aborda a ideia de acúmulo em sua produção. O sentido de acúmulo aparece na coleta de histórias, memórias de infância, histórias de sua casa e adjacências. O ato de escrita alcança uma forma de insubordinação, ao mesmo tempo em que o gesto inscreve uma história que possui uma anterioridade e, quando posta no presente, remete a tudo aquilo que foi vivido a partir de certo lugar.

A mão em Sonia Gomes recupera o gesto de cura de sua avó, que praticava o benzimento que tece e modela o corpo para além de uma dimensão física, animado por forças vitais não visíveis; uma concepção que restabelece o corpo para além de suas carnes, ossos, veias, esse corpo tantas vezes esgarçado, cindido, estirado, partido, quebrado, nas mãos da artista refeito. Um corpo cuja vitalidade é restabelecida nas práticas de medicina afro-indígenas mescladas num catolicismo popular

das benzedeadas, particularmente no procedimento de coser, no qual a benzedeadora cria um duplo do corpo, um análogo que, ao ser atado pelo procedimento da costura, vai, assim, atando e restabelecendo as partes quebradas, machucadas nesse corpo real de carne vivo e íntegro.

NOTAS

1 O presente artigo com algumas alterações foi publicado inicialmente em língua inglesa e alemã no contexto do catálogo da exposição individual Sonia Gomes: *I Rise - I'm a Black Ocean, Leaping and Wide – At Museum Frieder Burda* em 2019.

2 Trecho retirado do livro *Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra*, de autoria de Edimilson de Almeida Pereira e Núbia Pereira Magalhães Gomes, 2018.

3 As obras citadas neste texto fazem parte da mostra “*I Rise - I'm a Black Ocean, Leaping and Wide*” da artista Sonia Gomes, no Museum Frieder Burda em Baden-Baden, setembro de 2019, e em Berlim, fevereiro de 2020, e foram publicadas no catálogo: *I Rise - I'm a Black Ocean, Leaping and Wide - Sonia Gomes*, Berlim (2020). Parte das obras também pode ser acessada por meio do portfólio publicado pela galeria Mendes Wood pelo seguinte link: https://mendeswooddm.com/usr/library/documents/main/mwdm_soniagomes_2025_1r.pdf

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. *And Still I Rise*. Londres: Virago Press Ltd, 1986.

BIDIMA, Jean-Godefroy. *De la traversée: raconter des expériences, partager le sens*. Rue Descartes, 2002/2, n. 36, p. 7-17. Tradução para uso didático por Gabriel Silveira de Andrade Antunes.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Organização Constância Lima Duarte; Isabella Rosado Nunes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FOCILLON, Henry. *A Vida das Formas: Seguido de Elogio da Mão*. Portugal: Edições 70, 2016.

GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Portugal: Sextante, 2011.

GOMES, Sonia. Prêmio Pesquisador 2017, Programa de Exposições Centro Cultural São Paulo. [Entrevista cedida a] Janaína Barros Silva Viana. *A cena afro-brasileira nas artes visuais de*

São Paulo. São Paulo, 8 set. 2017. Gravação (48 min).

HURSTON, Zora Neale. *Seus olhos viam Deus*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021.

KAMP, Patricia; VIANA, Janaína Barros Silva; VIANA, Wagner Leite. *I rise - I'm a black ocean, leaping and wide* - Sonia Gomes, ed.1. Berlin: dcv-books, 2020.

PEREIRA, Edimilson de Almeida; MAGALHÃES, Núbia Pereira de. *Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

REBOUÇAS, Júlia. *Uma história para Sonia Gomes*. In: *Sonia Gomes: a vida renasce/ainda me levanto*. MASP; MAC Niterói, 2018.

SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. São Paulo: Editora Odysseus, 2007.

JANAÍNA BARROS

Artista visual, pesquisadora, curadora, crítica de arte, professora adjunta do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo. Pós-doutorado, bolsa CAPES PNPd 2018-2020, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Atua na área de Teoria, Crítica e História da Arte. Membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA).

WAGNER LEITE VIANA

Artista visual de origem familiar quilombola das comunidades Fidelão e Lagoa do Tanque, na cidade Capoeiras (PE), remanescente do Quilombo de Palmares. Curador educativo, crítico de arte e professor adjunto do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutorado em Poéticas Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Atua na área de Educação, com ênfase em Práticas de Educação, Processos Artísticos e Curadoria, Educação para as relações étnico-raciais e Educação ambiental. Membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA).